

XIV

O advogado Fichtelbaum ouviu um barulho no pátio e percebeu que a hora esperada estava chegando. Surpreendeu-se por não sentir medo nem angústia. O seu estado de alma era completamente diferente do que imaginava nos últimos meses. Sempre que fechava os olhos imaginando aquele momento que certamente iria chegar, tinha uma sensação muito desagradável, como se estivesse caindo num abismo, na escuridão e num frio indescritível. Como se estivesse afundando num universo infinito, do qual sabia, como pessoa educada e culta, que ali não havia nem luz nem calor. Uma galeria gelada sem fim, e nela o advogado Jerzy Fichtelbaum caindo cada vez mais rápido rumo ao infinito, planando completamente sozinho feito uma ave ou um inseto sem asas, movido pela força de gravitação, cada vez mais longe e mais rápido, até perder o fôlego, numa escuridão a adensar-se, no frio e no vazio. Era uma sensação muito desagradável e ele desejava que não durasse muito tempo, mas cada dia durava mais até se tornar uma dor insuportável que não abandonava o advogado nem no sono.

Mas ocorreu que agora, quando de repente um barulho embaixo anunciou aquele universo escuro se aproximando do segundo andar do prédio, onde numa sala vazia o advogado

Fichtelbaum esperava, ele aceitou tudo com calma e naturalidade. Não sentia nenhuma aflição, aconteceu com ele algo tão estranho que, sem dúvida, vinha de fora, não vinha de dentro dele mesmo, mas antes daquele barulho que estava subindo devagar as escadas, não vinha dele, mas daquele universo que avançava lentamente, que abria e fechava com barulho as portas dos apartamentos abandonados, derrubava cadeiras, vasculhava armários, deslocava mesas. O advogado escutava atentamente, detectando um ritmo, o tique-taque de um gigantesco relógio que media o seu tempo como nenhum outro relógio antes.

Preciso fechar a porta, pensou o advogado Fichtelbaum, mas logo se lembrou que a fechadura estava estragada há muito tempo, a chave se perdera e a tranca tinha caído. A porta que dava para a escadaria estava entreaberta, e o advogado no meio da sala via um rasto de luz entrando pela fenda e caindo no chão, e era por esta fenda que entrava o som daquele universo pesado.

Bem, pensou o advogado, primeiro devo ver as botas.

Decidiu sentar-se. Pegou uma cadeira encostada na parede, colocou-a junto à porta entreaberta e sentou-se. A cadeira rangeu e o advogado ficou assustado, mas logo se acalmou. Já não preciso ter medo, pensou. Isso já passou.

Ficou imóvel porque apesar de tudo não quis que a cadeira rangesse. Ouvia o barulho num andar abaixo. Sabia que isso não ia durar muito porque no apartamento abaixo não havia ninguém há dias.

Estava então sentado sem se mexer.

— Ponha o chapéu — disse uma voz.

O advogado Fichtelbaum estremeceu.

— Ponha o chapéu. Um judeu piedoso usa chapéu — disse a voz.

— Estou ficando doido — pensou o advogado. — Que voz é essa? Estaria ouvindo a voz de Deus?

Mas ainda não era Deus, era o pai do advogado Fichtelbaum, o senhor Maurycy Fichtelbaum, que morreu no início do século XX. Agora a sua voz vinha do século XIX, quando ainda estava vivo. O advogado Fichtelbaum viu o pai numa bonita e espaçosa sala, cujas janelas davam para o jardim. Atrás do jardim estendiam-se os campos de cevada, e no horizonte podia-se ver a linha escura da floresta. Maurycy Fichtelbaum estava perto da janela, tinha uma bonita barba preta que descia ao peito e um chapéu cinza na cabeça. Era um homem muito bem-apeσοado, vestia casaca e calças escuras. Um grande relógio de bolso de prata brilhava na altura da cintura de Maurycy Fichtelbaum, e sob a sua barba balançavam os óculos pendurados numa corrente.

— Ponha o chapéu — disse Maurycy Fichtelbaum ao filho.
— Pelo menos isso você pode fazer por mim antes de morrer.

E tirou o seu chapéu, e o entregou ao filho.

— E você, pai? — perguntou o advogado Fichtelbaum baixinho. — Agora você está sem chapéu.

— Eu já não preciso — respondeu o pai.

O advogado Fichtelbaum lembrou-se de que o pai comprara este chapéu no século XIX, em Viena, onde tinha ido com o rabino Majzels a uma reunião das sociedades beneficentes judaicas. Ao voltar para casa, Maurycy Fichtelbaum mostrou o chapéu a seu filho, e o advogado lembrava-se muito bem de que numa tira de couro havia a marca de uma fábrica de chapéus da Kärtnersstrasse. Não conseguia se lembrar do nome dessa fábrica, mas enxergava, da grande distância que o separava do século XIX, a inscrição oval sobre a tira onde se lia “K. und K. Hoflieferanten”.⁵²

O advogado Fichtelbaum encolheu os ombros.

Que chapéus forneciam eles ao imperador, — pensou com ceticismo — se o imperador andava sempre de uniforme militar? Provavelmente até dormia de uniforme.

52. Hoflieferanten: fornecedores da casa imperial.

Neste exato momento a fenda alargou-se e sobre a soleira apareceu uma bota. No mesmo instante aconteceu um pequeno, mas útil milagre. O advogado Jerzy Fichtelbaum levantou os olhos e, no cano da pistola, avistou uma agradável e alegre luz de sol entrando no quarto pela janela que dava para o jardim, para o campo de cevada e uma floresta distante. Junto à janela estava o pai do advogado, com o chapéu dos fornecedores da corte imperial, com o relógio na altura da cintura e os óculos pendurados numa corrente sob a barba basta e escura. O pai segurava o advogado pela mão e o advogado também estava de chapéu, e também tinha uma bonita barba preta que lhe descia ao peito, embora ainda fosse um menino.